



## VANGUARDA CAPIXABA: AS RELAÇÕES ENTRE ARTE, CIDADE E PAISAGEM URBANA A PARTIR DA OBRA “O ESTILINGUE”, DE NENNA

VANGUARD CAPIXABA: THE RELATIONS BETWEEN ART AND CITY URBANS LANDSCAPE FROM THE WORK “SLINGSHOT”, OF NENNA

Douglas Gomes Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda a relação existente entre arte, cidade e paisagem urbana através da obra “O estilingue” realizada em 1970 pelo artista capixaba Atílio Gomes, conhecido como Nenna. Sendo uma intervenção de caráter modernista e efêmera, modificando a paisagem urbana da cidade, interferindo, interagindo e problematizando em suas entrelinhas a época em que o Brasil vivia sob rigorosa vigilância da ditadura militar implantada em 1964. Considerada por muitos a “primeira manifestação plástica de vanguarda capixaba”, tal intervenção foi realizada em uma árvore, que foi revestida com gesso e recebeu duas imensas tiras de plástico em sua bifurcação, formando um estilingue gigante. Objetiva-se portanto com esse artigo contribuir com reflexões sobre tal obra, vinculando à maneira como essa intervenção modificou e interferiu visualmente a paisagem urbana naquela época.

### PALAVRAS-CHAVE

Arte; Cidade; Paisagem urbana; Intervenção; Nenna.

### ABSTRACT

*This article discusses the relationship between art, city and urban landscape through the work “O sling” made in 1970 by the capixaba artist Atílio Gomes, known as Nenna. Being an intervention of modernist and ephemeral character, modifying the urban landscape of the city, interfering, interacting and problematizing in its lines the time when Brazil lived under strict surveillance of the military dictatorship implemented in 1964. Considered by many the “first plastic manifestation of vanguarda capixaba”, such an intervention was carried out on a tree, which was covered with plaster and received two huge strips of plastic at its fork, forming a giant sling. The objective of this article is therefore to contribute to reflections on such work, linking to the way this intervention changed and visually interfered the urban landscape at that time.*

### KEYWORDS

Art; City; Urban landscape; Intervention; Nenna.

---

<sup>1</sup> Douglas Gomes Silva é bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus Colatina* (2012/2017), com pesquisa em design de mobiliário e identidade capixaba; Mestrando em Artes pelo Universidade Federal do Espírito Santo - *Campus Goiabeiras* (2019/2020) com pesquisa em arte, cidade e paisagem urbana; Idealizador do Projeto Respiro Urbano Artístico (PROJ RUA), projeto de ocupação e intervenção urbana. Contato: [arqui\\_douglas@hotmail.com](mailto:arqui_douglas@hotmail.com).



## INTRODUÇÃO

A cidade é o resultado das ações do homem no espaço, um conjunto de transformações e apropriações, que constituem objetos sociais, que interferem e formam novas paisagens. A técnica usada para transformar o espaço é a tradução do tempo, pois denota em cada momento as possibilidades de realização humana e seus pensamentos.

Para Santos (2008), o tempo rápido seria o dos indivíduos e intuições hegemônicas, que precisam de freneticidade, pois a materialidade privilegia este tempo. O tempo lento, por sua vez, traduz o tempo dos indivíduos e instituições hegemônicas, para quem a materialidade não é beneficiada pela aceleração do tempo. Assim, cada ator deposita no espaço público ou privado todos os objetos que explicitam a face da cidade e determinam os modos de usá-la, e nos tornamos, por vezes, conduzidos por essa cidade, sendo nela que a vida se produz e se reproduz.

A cidade, enquanto forma materializada das relações entre os indivíduos e entre os indivíduos e o mundo em que vivem, revela sua organização social através das mais diversas manifestações urbanas, e é acerca disso que se faz necessária a compreensão para que seja possível desenvolver uma reflexão sobre os movimentos urbanos, ou seja, entender a organização socioespacial como um resultado de diversos fatores da esfera social, como os processos artísticos, políticos, econômicos e culturais, na medida em que se vinculam à geografia das áreas urbanas.

As intervenções urbanas podem trazer para a discussão não somente a questão da ruptura estética com o padrão da arte imposta, mas, em um sentido mais concreto, substancial e contextualizando, podem ser analisadas como algo que representa o seu contrário, ou seja, como um fenômeno que só existe porque outros problemas maiores e estruturais permeiam a realidade das cidades, e criam a necessidade de expressão da população.

De acordo com Junge (2011, p. 37) “[...] a paisagem é uma construção do homem e está constantemente sendo reconstruída e reconfigurada por ele” sendo possível observar o homem interagindo com a paisagem e a paisagem fazendo o homem reagir. Para Cullen (1971, p. 135) “[...] Um edifício é arquitetura, mas dois seriam já a paisagem urbana, porque



a relação entre dois edifícios próximos já é suficiente para liberar a arte da paisagem urbana [...]". Assim, esse artigo visa apresentar sucintamente as relações entre arte, cidade e paisagem urbana através da obra "O Estilingue" realizada em 1970 pelo artista capixaba Nenna, que negou ao fazer uma intervenção moderna e efêmera todos os paradigmas e modelos herdados do passado, contrapondo-se a cena artística que dominava o território do Espírito Santo, que restringia-se a escultura e a pintura, principalmente de paisagens.

### CIDADE, ARTE E PAISAGEM URBANA

A cidade é um complexo fenômeno que se desenvolve adquirindo formas e aparências consequentes das condições físicas do local e das tensões e acontecimentos gerados pelo conjunto de interesses de seus habitantes ao longo do seu território e da sua história. Segundo Argan (1995) a cidade é classificada como um espaço visual. De acordo com Mendes (2006) o meio urbano pode ser considerado ao mesmo tempo mensagem e canal de comunicação. Uma vez que prédios, ruas, bairros e vielas tendem a ser a expressão da sociedade (CASTELLS, 1999), mostrando suas atividades artísticas, culturais e formas de vivência. O ambiente externo pode ser considerado uma mensagem, e é esse processo de apropriação que transforma um local em um lugar, sendo uma atividade dinâmica e realizada simplesmente pelas pessoas (KENT & MADDEN, 2015).

Ampliando o entendimento sobre esse meio que ao mesmo tempo é mensagem e canal, Costa Filho (2012) descreve a paisagem urbana como uma relação entre pessoas e o meio urbano, porém acredita que ela está em constante transformação, juntamente com a sociedade. Complementa ao dizer que a paisagem da cidade não se configura apenas por formas físicas, mas também na percepção da mente do usuário, nos usos, nas intervenções e no jeito que é analisada e interpretada. Percebe-se assim, que a cidade é a tradução dos seus habitantes e nos leva para o entendimento que ela é fruto de uma construção coletiva, e por isso, marco de manifestações artísticas, como intervenções.

A relação do homem com a arte dialoga com a realidade e, portanto, é um indicativo para compreender os espaços que ocupam; é também o meio de divulgação de ideias e uma forma de se pronunciar diante da vida nas cidades. Dentro desse contexto urbano, a arte apresenta e representa sobretudo, a complexidade do meio urbano, suas diferenças e,



principalmente, a conseqüente capacidade de interpretação de cada um que de fato ali habita, determinando múltiplas possibilidades de leitura. É nessas condições que artistas como Nenna, através de intervenções, estabelecem mudanças no cenário, estimulam o debate político e artístico, interagem com os transeuntes e a arquitetura do entorno e corroboram para um novo olhar sobre a paisagem urbana ali existente.

### NENNA, O ESTILINGUE E A VANGUARDA CAPIXABA

A fundação do Espírito Santo começa quando o então Rei de Portugal, D. João III, dividiu as terras do Brasil em capitãrias hereditárias, cabendo a capitãria do Espírito Santo a Vasco Fernandes Coutinho. Atualmente, a cidade de Vitória, fundada em 8 de Setembro de 1551 é a capital do estado e sede da Região Metropolitana do Espírito Santo, e foi na mesma que surge em 1970 um dos mais precoces e talentosos artista capixaba, nascido em 1951, Atilio Gomes Ferreira, que adotou o pseudônimo de Nenna, na qual em 1969 tornou-se estudante de Artes Plásticas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Porém, após dois anos o mesmo resolve abandonar o curso, pois discordava completamente dos métodos de ensino acadêmico adotados pela maioria dos professores da época.

As mudanças artísticas da Europa no pós-guerra transformou e modificou o modo de vida, o discurso das vanguardas e principalmente o estatuto da arte. De acordo com Lopes (2003), a partir de 1960, a arte se desmaterializa, tornando-se em uma arte experimental, efêmera, híbrida, onde o conceito de obra de arte começa a ser problematizado e radicalizado.

No território brasileiro, com toda a censura imposta cruelmente pelo regime militar, muitos artistas assumiram uma postura de resistência e de enfrentamento à opressão. Os artistas usavam suas obras como instrumento de protesto e transformação da realidade político-social, onde ao fazerem arte, estavam fazendo política. Artistas como Lygia Clak, Lygia Pape, Cildo Meireles, Hélio Oiticica, dentre outros, estabeleciam novas relações entre arte e vida, arte e política, rompendo com o conceito tradicional de perenidade da arte, utilizando em suas obras novos materiais como manchetes políticas e recortes de revistas, protestando contra a falta de liberdade de se expressar (LOPES, 2003).



A história artística do Estado do Espírito Santo orientou-se por uma visão retrógrada de arte, ao validar como sistema de representação apenas a pintura de paisagem e a escultura convencional, que dominavam a cena artística capixaba. Segundo Maderuelo (2005), durante a modernidade vanguardista, a paisagem havia caído em uma região incerta e esquecida como gênero obsoleto da pintura, porém os artistas capixabas continuavam (re)produzindo as mesmas em telas.

Porém, jovens artistas como Paulo Herkenhoff, Alberto Harrigan, Carmen Có, Pedro Filho, Hilal Sami Hilal e Atílio Gomes Ferreira (Nenna), buscaram novos meios para se expressarem, burlando o atraso cultural e a acomodação dos artistas locais, revelando afinidades com o pensamento artístico internacional, imprimindo novos rumos a arte capixaba, negando totalmente todos os paradigmas e modelos herdados do passado. Tais artistas, desde o final dos anos 60, começaram a promover intervenções públicas, happenings, performances e instalações, transformando a cidade e o espaço público em museus a céu aberto, ironizando e criticando a realidade de Vitória, a censura e a tortura política imposta pelo totalitarismo do governo militar.

De acordo com Lopes (2003), Nenna estava em perfeita sintonia com seu tempo poético e histórico, afrontando a pintura tradicional, através de ações e intervenções públicas de caráter subversivo, que não encontraram na época de sua apresentação a esperada interlocução, nem tiveram seu teor crítico devidamente compreendido e redimensionado por grande parte da sociedade capixaba.

Realizada em uma capital periférica, que não dispunha de museus e galerias de arte, Nenna resolve fazer uma instalação de cunho intervencionista, recorrendo a uma árvore, popularmente conhecida no território capixaba como castanheira. Tal árvore estava localizada no bairro da Praia do Canto, área nobre da cidade de Vitória/ES, o local foi por ele escolhido por ser um território composto por uma população de classe alta e conservadora. Fazendo tal intervenção nesse território, o artista tinha a intenção de provocar e desestabilizar o gosto e a concepção romântica da arte que imperava no bairro.

Denominada como “Estilingue” (Figura 1) a intervenção foi produzida na madrugada de 14 de junho de 1970, juntamente com a ajuda de sua amiga Luisah Dantas. Nenna, não



escolheu essa árvore por acaso, sua forma era singular, por apresentar uma bifurcação no tronco a certa altura do chão, característica que distinguia essa árvore de todas as que estavam ao seu redor. O artista então reveste parte do tronco da árvore com gesso e pinta de amarelo, depois prende na forquilha da árvore, as atiradeiras do estilingue. No extremo dessas alças de plástico o mesmo fixou um retângulo vermelho (Figura 2).



Figura 1 - O Estilingue - Nenna. (1970). Árvore, plástico e gesso.  
Foto: Jorge Luís Sagrilo. Fonte: nenna.com/



Figura 2 - O Estilingue na paisagem urbana - Nenna. (1970). Árvore, plástico e gesso. Foto: Jorge Luís Sagrilo.  
Fonte: nenna.com/

Como descreve Lopes (2011) as cores amarelo, vermelho e preto remetiam de alguma maneira à pintura abstrata que era feita naquele período, onde Nenna ironiza a pintura tradicional, redimensiona e recodifica o conceito de espaço da arte e propõe um embate



com a pintura de paisagem, que era predominante no gosto das elites capixabas, que naquele momento ainda não reconhecia as linguagens artísticas modernas.

O estilingue interferia, interagia e problematizava o espaço urbano, também modificava a percepção da árvore e de tudo o que a cercava e instigava a memória. Grande parte dos transeuntes foram surpreendidos por aquele objeto, que ao se aproximarem da árvore, interrogavam a respeito da mesma e dos seus significados e até posicionavam a atiradeira sobre as costas, penetrando literalmente no objeto, como se o vestissem. Tornando o inofensivo brinquedo, numa armadilha perversa e ameaçadora, capaz de arremessar simbolicamente os indivíduos à distância, fazendo-os desaparecer, como num passe de mágica (LOPES, 2003).

Por isso que, quando Lynch constrói o pensamento de que olhar para a cidade pode dar um prazer especial, ele deixa claro que ao mudarmos a perspectiva do olhar passamos a enxergá-la como uma grande obra de arte, como ele mesmo define. “A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados” (LYNCH, 2011, p.01).

No ato de dialogar com a intervenção, o público interagia e o artista e seus amigos músicos tocavam violão, violino e flauta nas proximidades da intervenção (Figura 3), compondo o evento, o que acabou imprimindo seriedade e erudição à intervenção pública, isentando-a, de qualquer suspeita por parte da polícia, que olhava atentamente à distância.



Figura 3 - Músicos tocando nas proximidades do Estilingue - Nenna. (1970). Árvore, plástico e gesso.  
Foto: Jorge Luís Sagrilo. Fonte: nenna.com/



Contrariando a lógica dos acontecimentos e a expectativa do artista, por se tratar de um período onde qualquer agrupamento de pessoas em lugar público levantava suspeita, os “defensores da ordem” não chegaram a interrogar ou molestar o autor ou os participantes do evento, por não conseguirem compreender evidentemente, tal intervenção com um teor crítico ao momento político que o país se encontrava (LOPES, 2003).

De acordo com Lynch (2011), a paisagem é entendida como um conjunto de elementos dos quais constituem a fisionomia das cidades, do qual esperamos que nos dê prazer ao contemplá-la, ou pelo menos que nos de condição de questioná-la, confrontá-la.

Assim, Nenna certo de que a polícia ao confrontar-se com tal intervenção na cidade iria isolicitar-lhe ao menos uma autorização da Prefeitura Municipal para a realização da intervenção em um local público, bem como a apropriação da árvore, o artista então antecipadamente redigiu um documento em papel timbrado, que era assinado por um pseudo José Joaquim Da Silva Xavier, fazendo uma cópia da assinatura do herói da Inconfidência Mineira, onde Nenna o identifica sarcasticamente como funcionário do órgão competente da prefeitura local. Porém, como a solicitação não ocorreu, o documento com a assinatura do Tiradentes permanece de posse do artista até atualmente (LOPES, 2003).

Argan (1995, p.73) inicia seu capítulo “A cidade ideal e a cidade Real”, deixando clara a estreita relação entre o fazer história da arte e o fazer história da cidade. Como ele próprio continua, ela, a cidade, não é apenas um invólucro ou uma concentração de produtos artísticos, mas um produto artístico ela mesma.

A interação com o Estiligue, introduzia naquele momento um novo paradigma artístico no território do Espírito Santo, principalmente na cidade de Vitória. Porém, isso não foi determinante para que o estiligue logo caísse em esquecimento, como Lynch descreve em seu texto sobre a imagem da cidade (2011), diríamos que ao aparecer como um lugar admirável e bem interligado, a cidade que nos é proposta se oferece como lugar que realça todas as atividades humanas que um dia se desenvolveram, estimulando-a como depósito de um traço de memória, assim a interferência proposta por Nenna permanece na memória não só do artista e daqueles que o ajudaram a concebê-lo, mas também na memória do





público que interagiu ou simplesmente se deparou com um estilingue gigante ao transitar pela Praia do Canto naquele domingo de 1970.

O significado da ação e a ironia que a intervenção fazia a atual situação política-artística do Espírito Santo também não foram devidamente compreendidos na época pelos articulistas da imprensa local, o que impediu que o teor político encontrasse maior amplitude e repercussão. Mas a imprensa do Rio de Janeiro escreveu inúmeras colunas e matérias a respeito de tal intervenção, logo após essas publicações feitas por jornais renomados cariocas, que alguns articulistas da imprensa local atentaram para a importância da ação pública realizada pelo artista, chamando-a assim, de primeira manifestação plástica de vanguarda realizada em Vitória/ES, antecipando as principais tendências da pós-vanguarda, mostrando o quanto Nenna contribuiu para as determinadas proposições da arte conceitual, atentando sua marcante contribuição à arte produzida no país a partir da década de 1970 (LOPES, 2003).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se ao fazer esse estudo sobre as relações entre arte, cidade e paisagem urbana através da obra “O Estilingue” do artista capixaba Nenna, que o espaço público na qual a intervenção foi realizada se transfigurou e se transformou num lugar de criação e de participação, que os transeuntes interagiram, dialogaram e se identificaram com a obra, mostrando que a árvore e público deixariam de ser os mesmos naquele dia, considerando que o diálogo com o estilingue provocou a reflexão e ativou os indivíduos que viviam numa cidade sem museus ou galerias de arte.

Atualmente, sabemos a princípio que a arte quando inserida na malha urbana, sendo reflexiva, abre espaço para outros olhares da e para a cidade e também para diálogos entre críticos, artistas e comunidade, assim como o artista Nenna propôs com a intervenção.

O estilingue gigante, como ficou conhecido através de sua locação mostrou a necessidade de se contemplar e valorizar os cenários da paisagem urbana, mostrando que a paisagem é uma construção, uma elaboração mental que o homem realiza. Conclui-se portanto que a



arte no espaço público pode ativar novas paisagens urbanas através de suas intervenções na cidade, interferindo visualmente no cenário urbano.

Ressalta-se que o artigo aqui apresentado é o trabalho final desenvolvido na disciplina de Teoria e História da Arte Moderna do Programa de Pós Graduação em Artes (PPGA) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Porém, constata-se que existe ainda um grande número de reflexões e análises para serem realizadas sobre a relação da arte com a cidade e seus impactos visuais na paisagem urbana, sendo esse campo de pesquisa rico em mediações, tensionamentos e, acima de tudo possibilidades.

### Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA FILHO, Lourival Lopes. **Midiápolis: Comunicação, Persuasão e Sedução da Paisagem Urbana Midiática**. 2012. 272 f. Tese (Doutorado) - Curso de Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11386/Tese\\_Lourival\\_Lopes\\_Costa\\_Filho.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11386/Tese_Lourival_Lopes_Costa_Filho.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1971.

JUNGE, Jonatha. **Comunicação Visual e Paisagem Urbana: Estudo sobre mídias e arte no espaço público**. 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95268>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

KENT, Fred; MADDEN, Kathy. Ruas como Lugares. In: KARSENBERG, Hans et al (Ed.). **A Cidade Ao Nível dos Olhos: Lições para os Plinths**. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. p. 26-28. Tradução de Paulo Horn Regal e Renee Nycolaas.

LOPES, Almerinda da Silva. Nenna e a vanguarda capixaba. In: **XIV Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Out. 2005. Universidade Federal de Goiânia. Catálogo Bíblia. Vitória: Edição do Nenna. 2003. P. 47-58. Disponível em: [nenna.com/](http://nenna.com/).

\_\_\_\_\_. **Arte conceitual: ativismo político e marginalidade**. In: XXXI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte e Reproduzido Na Edição "[Com/Con] Tradições na História da Arte", publicado pela Universidade Estadual de Campinas. Out. 2011. Disponível em: [nenna.com/](http://nenna.com/).

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MADERUELO. **El Paisaje: Genesis de um concepto**. 2005.



MENDES, Camila Faccioni. As interferências da Lei "Cidade Limpa" na Paisagem Urbana de São Paulo. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE - CINCCI, 2., 2008, São Paulo. **Anais...** . São Paulo: Fauusp, 2008. p. 2019 - 222. Disponível em: <<http://www.labcom.fau.usp.br/?evento=ii-cincci>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.